

Promoção:



COEB 2012

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO

Apoio:



A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DOS E ENTRE OS BEBÊS NO CONTEXTO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Joselma Salazar de Castro
UFSC
josalazar@ig.com.br
Currículo e Infância

Este trabalho resulta de uma dissertação de mestrado já definida e pretende apresentar e discutir aspectos relacionados à constituição da linguagem entre os bebês no espaço coletivo da educação infantil. A proposta principal que permeou todo o desenvolvimento da pesquisa foi a de aprofundar o conhecimento acerca dos bebês no primeiro ano de vida, de modo a identificar seus jeitos de ser, estar, sentir e comunicar-se entre eles, por meio da constituição da linguagem, como ponto de partida para melhor conhecê-los. Nesta direção, buscou-se amparo na Sociologia da Infância (CORSARO, 2005; FERREIRA, 2000; SARMENTO, 2002; 2004) como meio de legitimar os atos dos bebês e garantir-lhe sua alteridade, considerando-os como sujeitos sociais de direitos e ativos no próprio contexto social de que fazem parte. Desse modo, tornou-se imprescindível considerar as interações sociais que ora os pequeninos estabelecem entre eles. Estas interações são permeadas por aspectos econômicos, culturais, étnicos, entre outros, que influenciam, mas também se modificam conforme a apropriação e os atos sociais dos bebês sobre tais condições.

Diante do exposto, surgiu o desafio de pensar em metodologias que possibilitassem a apreensão dos atos dos bebês em um contexto multirrelacional, principalmente ao que concerne à constituição da linguagem, objetivo central neste estudo. A pesquisa de campo, realizada em um berçário de uma creche pública municipal de Florianópolis com treze bebês, entre sete meses e um ano e meio, exigiu-me apurar os sentidos na tentativa de conseguir ver e identificar além do óbvio e acima de tudo, perceber o modo como os bebês se apropriam e constituem a linguagem. Dessa forma, foi necessário conhecer as estratégias de comunicação de que lançam mão para enunciarem seus desejos.

Assim, nessa perspectiva, tornou-se coerente realizar a investigação a partir do clássico método utilizado pelos antropólogos, a etnografia, como meio de aproximação das culturas das crianças pequeninas. Corsaro (2005, p. 04,) aponta que esse método

“exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem”, tornem-se parte daquele lugar, como se fossem originários das culturas que as crianças produzem naquele dado contexto.

Ao me propor realizar uma pesquisa com os bebês e fazer parte do universo deles, sem deixar de ser o *outro*, passei a compartilhar das proposições que Graue e Walsh (2003) denominam, na pesquisa participativa, de orientação etnográfica. Segundo esses autores: “A observação sistemática e disciplinada é uma competência que pode ser aprendida. Os bons observadores vêem coisas que os outros não vêem” (GRAUE e WALSH, 2003, p. 129). Entretanto, somente seria possível ver o pouco visível a partir do explícito, por isso a importância de se fazer registros densos e diversos, e que fossem feitos por todos os ângulos e no máximo possível que se conseguisse.

Com o intuito de capturar os enunciados dos sujeitos da pesquisa, os pequeninos, busquei amparo teórico também no conceito de exotopia de Mikhail Bakhtin (2003), compreendendo a necessidade de apurar os sentidos para conhecer o *outro* na sua alteridade e, ao mesmo tempo, exercitar o movimento exotópico, me distanciando e/ou me aproximando, tentando manter-me na “zona fronteiriça” para compreender o que vejo, como aponta o autor, e, para apreender e analisar de forma mais profunda o tema a que me destinei pesquisar. Portanto, traçar um plano de estudo para entrar em campo tornou-se fundamental, de modo a registrar tudo o que era possível e captar o que não parecia visível. Assim, recorri a diferentes recursos que convergissem para a realização sistemática de registros das ações comunicativas dos bebês, incluindo fotografias e filmagens, além do diário de campo, meu fiel companheiro durante a permanência no *locus* de pesquisa, que ocorreu em um período de quatro meses em uma frequência de três vezes por semana.

Alguns pressupostos da linguagem e a relação com os bebês

Trago como pressuposto que a linguagem é social e somente se constitui na interação entre dois ou mais sujeitos, conforme as relações socialmente estabelecidas em dado contexto. Neste sentido, é da natureza da linguagem ter a orientação para o outro, para o social, onde a minha fala tem o outro como horizonte. De acordo com Bakhtin (1926), a linguagem é um fenômeno social e ideológico e é constituída entre os sujeitos a partir da existência de outros elementos situados no espaço/auditório social, para além da verbalização, do som fonético de uma comunicação. Ou seja, são aspectos

que exige um olhar para a situação do presente contexto, onde o extraverbal, olhares e outras expressões carregadas de valores ideológicos determinarão o que pretende ser enunciado, mesmo na ausência de palavras. A entoação, o gesto e outras expressões representam a posição social ativa assumida pelo sujeito em uma relação dialógica.

Considerando esta concepção filosófica de linguagem, pode-se compreender que quando os bebês repetem um enunciado, reafirmam alguma ação verbal ou extraverbal de outro sujeito, é uma ação singular, porém, recebendo outro sentido, porque o lugar ocupado pelo bebê é outro lugar no conjunto dos enunciados proferidos. Para a compreensão da linguagem, nesse contexto de investigação, é importante também alertar que entram em ação os elementos extralinguísticos¹, apontados por Bakhtin como constituidores da linguagem, que penetram na corrente verbal, tornando a linguagem (verbal e extraverbal) e contínua, onde sua orientação constitutiva está fora do sujeito e presente na corrente viva da relação social.

Na perspectiva de Bakhtin, a linguagem deve ser estudada a partir da relação social de uma dada realidade ideológica e somente pode ser apreendida no conteúdo do discurso. Para tanto, estar imersa no contexto coletivo de educação infantil, junto aos bebês e poder registrar os enunciados deles como meio de melhor conhecer as suas manifestações, foi determinante neste estudo, especialmente ao considerarmos se tratar de crianças na idade inicial, em que a fala não é a linguagem preponderante. Assim, na recolha dos enunciados foram considerados os gestos, as ações, o choro, o riso, o silêncio, o movimento, os olhares, as emoções e balbucios e outras tantas formas de expressão, que foram sendo manifestadas pelos bebês no decorrer da investigação, foi o caminho para compreender o modo como os bebês se apropriam e constituem a linguagem.

A linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, carregada de valores e significados que conferem diferentes sentidos a um mesmo objeto e/ou ação. Nas palavras de Bakhtin (1986, p. 31), “tudo que é ideológico é um signo”, ou seja, possui um valor semiótico. O signo, enquanto um corpo físico, além de assumir o significado natural também concebe outro significado, conforme as representações simbólicas atribuídas pelos sujeitos da relação. É esse processo instituído entre os sujeitos que torna um objeto em signo.

¹ Extralinguísticos são fatores presentes nas relações dialógicas e estão situados em cada situação social, sendo manifestados por olhares, gestos e outros modos que levam os sujeitos do diálogo a compreenderem o que está sendo dito, mesmo na ausência de palavras.

Nesse sentido, torna-se importante observar o modo como os bebês se apropriam dos signos e como revelam tal apropriação na relação com os outros bebês e com os outros sujeitos que fazem parte do espaço e do tempo de permanência deles na creche. A linguagem se estabelece na interação entre os sujeitos, em um movimento entre linguagem-texto-enunciado, sendo que a constituição desse processo depende das relações estabelecidas de dada forma e em dado contexto social. Esse processo constituidor da linguagem não é fixo, nem imutável, pois acontece no movimento histórico e cultural e, embora existam definições em cada evento social os enunciados são inacabados no sentido de que um sujeito acaba de comunicar para o outro continuar, tornando a linguagem dialógica.

Estas incursões teóricas auxiliaram-me na análise dos dados coletados na pesquisa de campo e possibilitaram-me compreender a diversidade de elementos sociais dos quais os bebês se apropriam e com isso constituem a linguagem, complexificando este processo a cada ato realizado.

Atos sociais: apropriação dos sentidos e reelaboração das ações entre os bebês

A ideia de ato social está relacionada à ideia de atividades pré-organizadas que se constituem nas relações sociais, dando forma ao agir (ou para agir) de um determinado modo em um determinado contexto. Segundo Bakhtin (1996), é na expressão semiótica que a atividade mental se organiza, é pela apropriação dos atos sociais que o sujeito desenvolve a atividade mental, modelando e determinando sua orientação.

Nesta mesma direção, alia-se a ideia de que a criança produz culturas e conhecimentos e, desde a mais tenra idade, estabelece nas relações com os adultos, outras crianças e entre pares uma apropriação de sentidos como estratégia de compartilhamento da ação.

Prout (2004) nos alerta sobre a dualidade que ocorre entre os campos *estrutura e ação*, nos estudos da infância que ora abandonam o reducionismo biológico, ora caem num reducionismo sociológico, resultando numa polarização dos campos do ser e devir. Neste sentido, o autor afirma que os adultos apresentam um caráter de inacabamento tanto quanto as crianças, e que, como característica humana, somente se avança no processo de humanização, por meio da socialização e da interação entre um sujeito e outro.

A diversificação nas ações das crianças daquilo que se apropriam e revelam não as inferioriza, mas legitima a idiossincrasia de seus modos de ser e de atuar. Trata-se de especificidades e não de incompletude. Nessa mesma direção, Sarmiento complementa que isso pode ser verificado “pelos efeitos estruturantes da ação das crianças como atores sociais, e como tópico de análise interna sobre as relações intrageracionais com a geração adulta em que a infância também se (auto) constitui” (SARMENTO, 2005, p.365).

É importante ressaltar que as crianças pequeninas se apropriam dos aspectos externos dos quais participam e por meio dessa ação sobre as institucionalizações sociais do meio, reelaboram e manifestam, individualmente seus modos de compreender o entorno. Fica o alerta sobre a importância de planejar as ações e a organização dos espaços na educação infantil, pois mesmo quando não se está atento as constantes atuações dos bebês, eles estão observando, sentindo, tocando, se apropriando e reelaborando o que percebem e vivenciam no cotidiano da instituição.

Dos diversos episódios que registrei, se evidenciaram as estratégias que os bebês utilizam no momento da alimentação, para sentirem-se satisfeitos o mais depressa possível, a ressignificação dos objetos para alcançarem algo desejado e o quanto se apropriam dos sentidos dos atos uns dos outros e usam desta apropriação para conquistarem mais autonomia no espaço coletivo de educação infantil.

Observei que os bebês começam a se conhecer entre eles identificando as fragilidades e as potencialidades de cada um e tornam esse conhecimento benéfico para si mesmo, driblando inclusive a organização estrutural dos adultos, buscando autonomia, mesmo quando havia algum tipo de cerceamento. Entretanto, cabe ressaltar que por diversas vezes, observei as professoras do berçário apontando positivamente para as ações de autonomia das crianças e incentivando-as a obter novas conquistas. Esses aspectos, além de serem profícuos na relação entre adulto e criança e promoverem mais rapidamente atitudes autônomas e seguras nos bebês, gradualmente institucionalizam os modos de socialização e relação entre os sujeitos que compartilham essas experiências. De igual modo, as crianças passam a perceber e abstrair os sentidos de cada ação, cada atitude delas e dos adultos, conferindo também sentidos a esses atos.

Observa-se que as crianças agem mesmo sem serem solicitadas, e a apropriação que fazem do processo de socialização do qual participam é revelada de diferentes formas. Embora os bebês não pronunciem verbalmente o que compreendem do mundo,

suas ações retratam a leitura que fazem da realidade social e o modo como participam, se apropriam e constituem a linguagem entre eles.

Quando os bebês dialogam entre eles

Falar em diálogo nos leva a pensar em um primeiro momento em comunicação verbal, à fala, em que as vozes se alternam e o constituem, mas o diálogo como interdependente do enunciado pode ser compreendido “[...] não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 1986, p.55), e neste prisma de análise, a comunicação não se restringe à fala, ao contrário, se constitui por diferentes dimensões de linguagem.

Na análise das ações dos bebês, observei que a estratégia de comunicação mais recorrente entre eles está no olhar. Um olhar que comunica e dialoga com uma rede de situações postas, encorajando outras situações comunicativas entre eles e propiciando uma primeira via de diálogo decorrendo a uma interação e comunicabilidade inacabada. O olhar se apresenta como importante elemento para os bebês constituírem a linguagem. Em diversos momentos, presenciei os bebês convidando um ao outro para uma brincadeira, uma corrida pela sala, um subir em prateleiras, onde havia ausência de palavras, mas um sentido vivo no olhar acompanhado muitas vezes por risos e até gargalhadas, conforme a intensidade do *convite visual*.

O corpo, a todo instante, mostrou sua representatividade na constituição da linguagem entre os bebês. Diálogos, ausentes de palavras, eram estabelecidos pelo movimento, pelo gesto, pela expressão facial dos bebês, onde a cada ato do corpo de um bebê manifestava sentidos sociais, desejos, protestos, resistências, solicitações, emoções e empatia entre eles.

Observo importante que esses atos dos bebês revelam-nos mais do que a potencialidade comunicativa e a complexificação da linguagem em constituição, mas as escolhas que fazem. Como com quem desejam estar, com o que preferem brincar, onde e quando gostam de se refugiar para um descanso ou simplesmente para se autodescobrirem, individualmente, em um contexto onde tantos outros pequeninos exigem atenção, cuidado e educação de qualidade. Perceber minuciosamente o que revela cada ato de um bebê significa investigar e conhecer seus jeitos de ser e estar e assim planejar ações docentes capazes de promover e ampliar o conhecimento nas

crianças de pouca idade. É um todo em constituição, um sujeito pleno de potencialidades físicas e cognitivas que deve ser reconhecido e respeitado desde o nascimento como um sujeito social e intelectual.

Os bebês estabelecem relações a partir de uma vivência social e cultural e de forma atuante nesses contextos, tornam-se também constituidores das relações e produzem uma comunicação que vai ganhando formas e se diversificando, na medida em que interagem entre eles e com os outros sujeitos da relação.

As estratégias de comunicação utilizadas pelos bebês são constituídas pelas experiências que, cotidianamente, são produzidas por eles, deles com o espaço e com os outros adultos e crianças maiores. Para Vygotsky (1996), o desencadeamento das manifestações nos bebês se estabelece no território social e é inteiramente criativo, não se limitando ao ato de buscar o olhar do outro, o sorriso e ou o gesto como ato mecânico. A partir dessas manifestações nos bebês e da manifestação respondente do outro, a criança começa a perceber os sentidos trazidos em cada atitude dela e a cada resposta conferida pelo outro, potencializando a ampliação dos recursos comunicativos, estabelecendo diálogos que se transformam em textos produzidos pelos bebês, discursivamente.

Interações entre os bebês e a produção de textos

Todo texto se constitui por diálogos, seja entre interlocutores ou entre discursos e somente pode se instituir em um espaço socialmente organizado, em que os sujeitos da relação fazem apropriações dos modos de comunicação e podem assumir significados e funções sociais e simbólicas da linguagem. Em se tratando de crianças pequeninas/bebês, iniciando suas experiências sociais no mundo, torna-se importante compreender as diferentes formas e as diferentes estratégias a que elas recorrem e as situações que ressignificam para experienciar e manifestar as apropriações que fazem do mundo.

Os bebês como sujeitos de discurso estabelecem uma alternância entre locutor (o bebê) e interlocutor (outros bebês - crianças maiores - adultos), formando textos a partir dos diálogos que estabelecem com os sujeitos do contexto social e com as situações que se apropriam.

Durante a permanência no campo de pesquisa pude constatar que os bebês revelam autoria nas ações de comunicação e demonstram em seus atos, a criação de

novos dados, conforme a circunscrição do contexto. Os pequeninos demonstraram ter voz e uma imensa condição intelectual na produção de textos ao lançar mão das estratégias de comunicação. É importante entender que mesmo quando o sujeito-o bebê reproduz uma ação “é um novo acontecimento, novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p.311)

Desse modo, torna-se fundamental compreender a atitude humana como acontecimento, sendo possível recuperar os sentidos e não os atos. Portanto, compreender as ações dos bebês como produção de texto pode ser uma forma de legitimar a existência da linguagem mesmo antes da fala, e perceber também que somente haverá *texto* por meio das condições de produção humana estabelecidas na própria atividade. Nesse sentido, o contexto aqui mencionado é um espaço coletivo de educação infantil que atende quinze bebês em uma creche pública municipal por duas profissionais por período. Nesse dado contexto, relações são estabelecidas, diferentemente das relações que cada bebê vivencia em outros espaços e instituições (como a família, o parque do bairro etc.), e são as relações constituídas neste espaço específico que emolduram as ações de linguagem de cada sujeito de modo dialético e contínuo.

Nas premissas do estudo de Bakhtin (2003) acerca da linguagem, pode-se pensar que o contexto do grupo de bebês na creche, emoldura a produção de textos de cada bebê, em uma relação mútua e contínua, é o encontro entre um texto pronto, estabelecido pelas relações sociais desse espaço, e do texto a ser produzido pelos sujeitos que fazem parte dessa relação.

Perceber os bebês como produtores de texto implica considerar a diversidade de ações que realizam no cotidiano da creche, onde ressignificam objetos, criam situações e organizam brincadeiras em que permanecem por tempos consideráveis. Foi possível flagrar situações, onde os bebês enredaram danças de roda, se esconderam, utilizaram objetos transgredindo a sua função social, brincaram de faz-de-conta, manifestando um rico caminho à descoberta imagética.

Essas ações, além de revelarem o potencial criativo dos bebês, nos indicam a compreensão de como a produção deles manifesta a constituição da linguagem e os enunciados revelados são textos em potencial, com sentidos apropriados, individual e coletivamente, mas abstraído pela interação com um contexto social e estabelecido pelas relações humanas. O texto como “especificidade do pensamento”, carregado de “sentidos e significados dos outros” (BAKHTIN, 2003, p.308), já que “todo texto tem

um sujeito, um autor” e, por essa via de análise, é possível constatar a autoria nas ações dos bebês.

Em face à reflexão da constituição da linguagem na ação interativa entre os sujeitos, percebe-se que os bebês se articulam entre si no que pretendem realizar. Os interesses surgem obviamente a partir de contextos que favorecem e estimulam as ações. Porém, mesmo que a orientação da ação não venha dirigida pela fala e nem pela intervenção dos adultos diretamente, os bebês demonstram identificar os sentidos dos movimentos e dos enunciados uns dos outros. Novamente a atenção a estas enunciações possibilita instrumentalizar os adultos no momento de planejar o espaço e o tempo para os bebês, assim como os modos de intervir quando necessário. Sabe-se, portanto, o imenso desafio que se revela à docência com os bebês, onde um número relevante de crianças divide a atenção entre duas profissionais, como no contexto desta pesquisa.

Referência Bibliográfica:

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN/VOLOCHINOV (1926). **Discourse in life and discourse in art**. In: Freudism. Nova York: Academic Pun, 1976. [Tradução feita por Cristóvão Tezza e Carlos Alberto Faraco. Versão para uso acadêmico restrito].

CORSARO W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 201.

FERREIRA, M. M. **Salvar os corpos forjar a razão**. Contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal. IIIIE, Lisboa, 2000.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, método e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PROUT, A. **Reconsiderar a nova Sociologia da Infância: para um estudo multidisciplinar das crianças**. Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância. 2003/2004. IEC. Tradução: Helena Antunes. Braga/Portugal: 2004 (digitalizado).

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. In: **Educação & Sociedade**, 2005, vol. 26, nº. 91.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escolhidas** vol. IV. Madrid: Visor, 1996.